

nelson

coelho

novos

contos

inéditos

# **Novos Contos Inéditos**

**Nelson Coelho**

**[www.nelsoncoelholiteratura.com.br](http://www.nelsoncoelholiteratura.com.br)**

Digitalização: João Guilherme Caldas Steintraesser

## O contista

Nelson Coelho estreou com livro de contos. E Sérgio Millet, um dos criadores da Semana De Arte Moderna com Oswald e Mário de Andrade, logo enfatizou que “os contos mostram uma técnica inédita em nossa ficção e um surrealismo surpreendente com humor voltairiano.” Desde então, o contista sempre recebeu ótima aceitação crítica, juntamente com Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Dalton Trevisan, entre outros. Bons cultores desse gênero literário.

Aycilma Caldas

## ÍNDICE

SÓ PARA MULHER BONITA.....	5
GOSTO DE MEL .....	12
DIABO.....	13
MORTO OU VIVO? .....	17
VIBRAÇÕES .....	22
ERA UMA VEZ ELES DOIS.....	29
O CABELO DE SANSÃO .....	33
PARQUE AZUL.....	36
BEM PRECIOSO .....	38
O DRAGÃO.....	39
A COISA QUE FALTA .....	42
O GÊNIO E A BORBOLETA.....	46

## SÓ PARA MULHER BONITA

---

Chegou à cidade e pôs um anúncio na imprensa convocando todas as mulheres realmente bonitas: “Venham conhecer-me que eu darei uma utilidade à sua beleza.” Deu o endereço e determinou: “Loiras no período da manhã, morenas à tarde”. Em letras menores, seguia-se o texto: “A opinião da própria candidata sobre a própria beleza não é levada em conta. Uma equipe de especialistas na matéria, após demoradas pesquisas, classificou 12 tipos de beleza, cobrindo todos os resultados positivos das combinações harmônicas do rosto e corpo. Em nossa sala de espera há um painel onde as 12 categorias de beleza feminina estão registradas nos mínimos detalhes, com fotos e legendas explicativas. Aí a própria candidata poderá nos ajudar na primeira eliminatória.”

O anúncio, naturalmente, tornou-se o grande assunto entre as mulheres da cidade. As muito feias uniram-se nesta opinião: “Incrível! Aonde anda a censura que permite que se publique um anúncio tão imoral. Está claro que tudo não passa de uma dessas empresas sexuais organizadas para explorar moças incautas, levando-as à prostituição. É um escândalo, um absurdo uma falta de vergonha, um caso de polícia!”

As menos feias diziam: “Claro que não vou me candidatar. Eu sei muito bem como são feitas essas seleções. Se a gente não tiver um bom padrinho, um protetor, não se consegue nada.”

Comentário das bonitas: “É uma grande ideia. Afinal de contas, existem sociedades de classe para tudo hoje em dia. Por que as mulheres belas também não podem ter uma? Ele dará uma utilidade à nossa beleza. Será uma espécie de líder sindical, dará empregos e garantias às mulheres belas. E é disso que precisamos, pois o fator concorrência sempre dificultou a união de nossa classe, tornando-nos vítimas dos mais baixos interesses. A beleza precisa ser amparada. É, sem dúvida, uma grande ideia. Afinal somos uma minoria...”

No dia seguinte, à porta do edifício que o anúncio indicava, imensa fila forma-se desde as primeiras horas da manhã. Ao meio dia, um funcionário de uniforme azul trocou a grande tabuleta que dizia “Loiras” por outra informando “Morenas.” Nesse momento, pequena multidão de ruivas que esperavam a chance de externar seu protesto aglomerou-se em torno do pobre funcionário, como se ele fosse o responsável pela exclusão das ruivas das categorias de beleza.

-Calma! Por favor, um pouco de calma, vocês estão rasgando meu uniforme. Calma! Fiquem quietinhas que eu explico. Pelo amor de Deus! Vocês estão me machucando! Dessa maneira é que não irão conseguir nada. Um pouco de ordem, senão eu chamo a polícia.

Aos poucos as ruivas foram se acalmando e o funcionário, acertando o nó da gravata, pôde então explicar que tudo estava planejado, que elas, as ruivas, não estavam excluídas. Era um problema de organização. “Mulher ruiva também pode ser bela, mas trata-se de beleza especial, diferente, mais rara. E, por isso, o próximo sábado será inteiramente dedicado a vocês.” E retirou-se rapidamente para dentro do edifício. Comunicou o incidente ao chefe, este informou seu superior, o qual, após demorada reflexão, concluiu ser muito boa a ideia do funcionário encarregado de trocar as tabuletas: “O próximo sábado e todos os seguintes, se necessário, serão inteiramente dedicados às ruivas”, disse o superintendente e pensou: “As ruivas. Parece incrível, mas havia me esquecido delas.”

A primeira semana terminou com pleno sucesso, no que diz respeito ao afluxo de candidatas. Cerca de 1500 mulheres de grande beleza preencheram fichas, deixando a critério da fabulosa empresa a maneira mais adequada para a utilização de seus encantos físicos. Vários repórteres procuraram, com furor, entrevistar o superintendente. Ou apenas alguns dados sobre a realidade da estranha organização de amparo à mulher bela. Mas foram barrados com o seguinte esclarecimento: “Este é um assunto que só interessa à mulher bonita. E aqui elas terão todas as informações em primeira mão.”

Então, a editora de moda de um suplemento feminino, jovem de rara beleza, resolveu apresentar-se como candidata para depois escrever uma história em seu jornal. Escolheu vestido e perfume que sublinhasse com elegância o esplendor de suas formas que sabia provocantes. Maquiou-se com ligeiro exotismo e foi até o local onde teve de ficar de pé, sob um terrível sol, por três horas na fila. Mas sua primeira tentativa acabou frustrando-se, por causa de forte chuva que desabou no final da tarde, quando faltavam apenas cinquenta metros para ser recebida. Retornou no dia seguinte, mas foi logo informada pelas demais concorrentes que deveria voltar na segunda-feira. Ela era morena e naquele dia, sábado, só atendiam ruivas. Pensou em desistir. Chegou mesmo a tomar essa decisão. Mas no domingo, indo à praia, encontrou um colega do jornal que ironizou: “O editor não gostou da sua história sobre a tal Liga de Amparo à Mulher Bonita? Ou, apesar da qualidade do material”, o rapaz falava olhando para o corpo da jovem, que o biquíni sensualizava, “de todo esse imenso talento em ser bonita, você não conseguiu passar nos testes?”

Machucada no orgulho, ela resolveu fazer aquela reportagem, custasse o que custasse. E na segunda-feira, ao meio-dia, estava novamente na fila. Logo encontrou um detalhe pitoresco para colorir a história: a multidão de homens que diariamente se acotovelava nas laterais da imensa fila, e que eram impedidos de se aproximar por causa de dois cordões de isolamento e pelos policiais que afrouxavam o natural entusiasmo masculino.

Finalmente chegou sua vez. Na sala de espera escolheu, no painel, um dos 12 tipos de beleza que mais se aproximava do seu e, em seguida, dirigiu-se a um dos vários recepcionistas que, sentados em pequenas mesas, preenchiam fichas com o máximo de referências sobre as candidatas.

- Seu tipo? Perguntou o recepcionista.
- Acho que é o nº 5.
- Desculpe, senhorita. Mas, ao sorrir, seu tipo sofre sensível modificação. A senhorita se enquadra melhor no tipo 4. Queira sentar-

se, por obséquio. A jovem sentou-se para responder ao infundável interrogatório que esmiuçava toda sua vida passada. Entre as perguntas havia algumas assim: “Por que as mulheres preferem os homens?”

Preenchida a minuciosa ficha, o recepcionista acompanhou a candidata até o fundo da sala onde havia uma grande porta. Apresentou-a a outro funcionário, de farda vermelha enfeitada com cordões dourados. Este, com ar solene, começou a explicar o que iria encontrar além daquela porta e como dever proceder. Soube então que entraria em longo corredor, cuja escuridão era atenuada por pequenos dizeres luminosos, colocados sobre as diversas portas, indicando os setores da vida humana em que a beleza feminina pode ser totalmente utilizada. A candidata deverá escolher a especialidade com que melhor se afine. E, ela mesma, após a decisão, abrirá a porta que desejar. Dentro de cada sala há um técnico em utilização de beleza devidamente capacitado para ouvir e orientar, cientificamente, a candidata.

A bela jornalista agradeceu, com um sorriso, os esclarecimentos do porteiro e a grande porta abriu-se para logo fechar, deixando a moça sozinha no início do longo e um tanto sinistro corredor.

Ao dar os primeiros passos, leu sobre uma pequena porta: “Estrela de Cinema”. Logo depois: “Modelo para desfile de moda”. Caminhou mais um pouco e viu, do outro lado, nova porta com os dizeres: “Inspiradora para Artista Famoso.” Assim foi andando até o fim do corredor, lendo com atenção tudo o que informavam as portas “Garota Propaganda”, “Secretária Particular”, “Atriz de Teatro”, “Aeromoça”, “Namorada para Homem Velho mas Rico”, e “Esposa para Homem Honesto e Trabalhador”.

Como seu objetivo era somente o de contar aos leitores a história daquela misteriosa empresa, decidiu-se pela última porta. Era mais fácil, não precisava voltar por aquele corredor escuro. No fundo já estava com um pouco de medo. E havia também a curiosidade de



descobrir em que uma mulher bonita pode ser útil a um homem honesto e trabalhador.

Girou a maçaneta, empurrou a porta e viu-se dentro de luxuoso escritório. Ao lado direito, um senhor de aspecto fino, elegantemente vestido, estava deitado em um confortável divã de veludo. Seu medo aumentou: “pode ser que ele esteja morto... ou com más intenções...” Recolheu toda a coragem que ainda estava dentro dela, fixou-se na ideia de que aquela reportagem era uma questão de honra profissional, lembrou com ódio das ironias ouvidas na praia, e bateu de leve na porta com o nó dos dedos. Imediatamente o cavalheiro do divã acordou assustado.

- Desculpe, senhorita, mil desculpas... Sem querer eu adormeci...

De pé e falando, a figura daquele senhor tornava-se ainda mais elegante. O rosto bronzeado, cabelos grisalhos, os gestos, voz educada, tudo expressando o máximo em charme aristocrático.

- Tenha a bondade de fechar a porta e sentar-se. Aceita um conhaque?

- Eu não venho incomodá-lo?

- Pelo amor de Deus. Há quase um mês que espero pela sua visita. Você, posso tratá-la por você? Você caiu do céu. Confesso que já estava sem esperanças. Tinha mesmo dado ordens no sentido de encerrarmos os trabalhos de seleção no fim do dia de hoje. Felizmente meu plano deu certo. Os financiadores já estavam duvidando de minha ideia. Graças a você, meu plano chegou a bom termo e dentro do prazo que solicitei. As primeiras cenas poderão ser rodadas na próxima semana.

- Primeiras cenas?! Mas do que é que o senhor está falando? Francamente eu não entendo...

- Um momento. Parece incrível, mas o entusiasmo pelo seu aparecimento fez com que eu esquecesse até de observá-la profissionalmente... É... parece adequada... Bem, mas depois a gente estuda isso melhor, não é?

- Por favor, cavalheiro. O senhor poderia me explicar o que está se passando?

- Você não quer ser a estrela da produção mais ousada que o cinema já ousou?

- Estrela? Mas eu não poderia ter me enganado de porta! Aqui não é onde se estuda a mulher bonita para o homem trabalhador e honesto?

- Exatamente. Como eu necessitava de uma mulher belíssima e que ao mesmo tempo fosse verdadeira, imaginei o único tipo de teste seletivo capaz de encontrar essa raridade. Entendeu agora?

- Confesso que tudo ainda está um tanto confuso...

- É muito fácil. Somente a mulher bonita que fosse verdadeira, sincera, autêntica... Desculpe a interrupção, mas eu sou um Diretor muito minucioso e meus filmes jamais expressam o mínimo de felicidade. Seja na história, seja na profunda estrutura psicológica das personagens. Você não sabe, mas é impossível obter-se uma expressão de autêntica simplicidade em cinema se o ator não for realmente simples... Mas... eu dizia... Ah, dizia que somente a mulher bonita que realmente fosse verdadeira poderia abrir a porta desta sala. Somente sendo simples e autêntica, uma jovem de grande beleza pode, após sofrida espera numa fila pública, escolher a porta do casamento com um homem que é apenas honesto e trabalhador. Ainda mais sofrendo a tentação das outras portas...

A jovem jornalista então começou a rir. Mas o Diretor estava tão eufórico com a vitória de sua ideia, que nem percebeu. E continuou exibindo seu entusiasmo:

- Meu plano, senhorita, é realmente genial. Venha aqui. Olhe por esta janela.

Agora sem rir, ela perguntou:

- O que é para ver?

- Não está vendo aquelas várias portas que dão para o jardim?

- Estou, por quê?

- Pois são exatamente as mesmas portas que as candidatas abrem, quando seguem todos os outros apelos que não este do casamento com um homem trabalhador... A candidata gira a maçaneta e sai direto no jardim. Com exceção desta sala onde estamos, não há nenhuma outra no corredor. Olhe: está vendo? Lá está saindo uma, justamente da porta que indica “Estela de Cinema”.

- Mas elas não reclamam? Não se vingam do desapontamento, acusando o senhor ou contando às amigas...

- Não. E veja por quê. Está vendo? Assim que a porta se fecha, são portas eletrônicas, naturalmente a candidata lê na própria porta fechada: “Não prive sua rival da mesma surpresa. Seguramente ela sofrerá com esta experiência. Peça a ela que venha também. Obrigado.”

Dizem que você é bela, inteligente e fácil, não é? Mas você é difícil como o azul profundo do mar e à noite querem seu corpo inteiro numa bandeja de prata. Você é silenciosa e atraente como o perfume que não se deixa agarrar... Mas você é feia e burra e deselegante. Seu irracionalismo é um anzol apetitoso que seduz os peixes pescadores de esfinges. Sua feiura ninguém consegue ver. Quem pode sentir o feio que se sente belo? Sua crença inabalável na própria beleza e juventude cega os olhos dos homens. O mel está mais doce nos lábios dos chupadores de mel. O desejo de mel é doce como o mel. Você sabe disso sem saber. Você ontem foi difícil, hoje é fácil, amanhã é difícil. Você nunca foi bela, você é feia, é amarga, nunca teve mel;

- Não?

Bem, pode ser que tenha, pode ser que seja bela e jovem e inteligente e sensível e infinita e louca como o sexo da poesia. O mel está em você ou no carinho da minha língua?

- Por que você está falando tudo isso para mim e não para uma outra mulher?

“De repente virei o rosto e caí dentro de dois olhos muito fundos. Senti nos lábios um grão de uva que meus dentes logo romperam, o caldo espalhou-se doce por toda minha boca. E quando a mão quente puxou-me para junto do corpo dela senti que meu coração há muitos anos não batia daquele jeito. Estávamos numa festa onde a música e as luzes eram mais sugestões que presenças enquanto as bebidas gritavam a plenos pulmões.

A mesma mão quente que me puxou entregou aos meus lábios um segundo grão de uva ao perceber que eu iria dizer qualquer coisa. Depois juntando mais seu corpo ao meu, os seios prensados sobre meu peito, as coxas encaixadas entre as minhas, os lábios abertos grossos como polpas roçaram meu rosto de leve, as mãos dela seguraram minha nuca e o beijo nasce com força na compressão dos sexos.”

- Pois é. Pode ficar certo que se trata do Diabo. Isso que você me contou é mais do que suficiente.

- Mas não seja criança! Diabo! Você fala como se nós vivêssemos na Idade Média. Ou você acha que eu sou algum neurótico apavorado com sexo como as mulheres histéricas que projetavam no Diabo anseios sexuais?

- Meu caro, o Diabo existe e apareceu para você. Não adianta negar.

- Não, vem cá, você está brincando! Ou ficou completamente louco? Esse ruído de turbinas do jato que acaba de passar sobre nossas cabeças não te traz à realidade?

- Que tem o avião a jato?

- Nada. Nada. Acho melhor não falar nada senão daqui a pouco você será capaz de dizer que outro dia a aeromoça do avião em que viajou era o Diabo.

- Não sei. Não posso dizer que sim nem que não. Realmente não posso.

- Está bom, está bom. Vamos parar aqui. Chegam as confusões de ontem à noite. Pensei que você fosse me ajudar, aconselhar, orientar mas já vi que seu objetivo único é o de se divertir com minha perturbação.

- Ótimo! Se então é assim que você está pensando realmente, se é assim então, me diga aonde é que foi parar a tal mulher? Me diga.

- Já disse que não sei.

- Então. Se uma pessoa está tranquila numa festa e surge uma mulher, lhe dá dois grãos de uva, depois se abraça com ele, os dois se beijam e de repente quando as luzes da sala se acendem a tal pessoa descobre que estava sozinho. Um sujeito simplesmente chateado sozinho jogado em um sofá com um copo de vinho na mão, solidão, melancolia etc.

- Você duvida que isso aconteceu?

- Já disse que não. Creio realmente que você tenha beijado a tal mulher e que ela tenha desaparecido quando as luzes se acenderam. Você me garantiu que não estava bêbado e te conheço o suficiente para saber que você não é de alucinações. É talvez o homem mais normal que conheço.

- Claro. Mas e ela, aonde foi parar?

- Desapareceu como surgiu. Ou você não sabe que o Diabo é capaz dessas diabruras. Esse aliás é o forte dele. Uma vez quando eu morava na praia, saí de casa acompanhado de meu cachorro, um policial preto com cara de lobo. O sol já estava encerrando seu expediente daquele dia e descia cansado mergulhando seu calor exausto na salmoura repousante do mar. Logo mais, uma noite sem lua nem estrelas pintaria tudo de negro, menos os dentes afiados do meu cachorro que, não sei porque, ficariam o tempo todo à mostra sonorizados por um ganir soturno e áspero, um raspar de garganta, o focinho arregaçado. Passeávamos na areia molhada pisando o finzinho das ondas que vinham morrer ali. Súbito no alto da noite negra vi surgir um fino ponto de luz em tudo semelhante a uma estrela que veio descendo do céu, se aproximando mas mantendo sempre o

mesmo tamanho, parou de repente a dois metros da minha cabeça e ficou assim cinco longos minutos, rijos todos os músculos do corpo, o cão com a boca bem aberta escancarada para o alto emitindo um uivo prolongado. E num relance, em movimento quase imperceptível aos meus olhos atentos, o ponto de luz mergulha na boca do cachorro. A noite se torna clara de repente, uma grande lua cheia prateando água e areia na minha frente, uma bela mulher branca nua, os cabelos de ouro fino descendo leves sobre os seios eretos rijos durinhos ela me abraça doce quente me beija tira minha roupa roça seu corpo ao meu depois corre para dentro do mar. O cachorro havia desaparecido. Corro atrás dela mar adentro, nado furiosamente até que minhas forças vão amolecendo, a noite está como um dia claro, o brilho da água não consigo mais enxergar a bela mulher, viro de costas e fico boiando e teria morrido se por uma graça divina não estivesse por acaso passando por ali uma lancha de pescadores.

Ouvi toda a história do meu amigo sem dizer palavra mas aborrecido com aquele tipo de conversa infantil. Afinal de contas, brincadeira tem hora e eu, ingênuo, fui expor a ele meu problema e recebo uma gozação completa, talvez a culpa seja minha, afinal de contas o que aconteceu comigo não é tão estranho, absurdo que o melhor teria sido mesmo não contar nada a ninguém. Acho que se alguém me contasse coisa tão sem cabimento eu... ele acaba de me contar uma história sem cabimento e eu não fiz nada, não disse nada. Será possível que já estou mesmo acreditando nessas bobagens? Despedi-me do meu amigo e fui embora. Mas a coisa não terminou.

Passados alguns dias, o pesadelo já estava quase de todo dissolvido quando numa manhã sou acordado como de costume pela forte campainha do despertador. Ao levar meu braço na direção do relógio para silenciar a campainha, sinto que ele roça em outro corpo cuja epiderme quentinha me deixa todo arrepiado, um pouco por prazer sensual e muito pelo susto de sentir m minha cama aquela presença inesperada.

Abro bem os olhos e novamente me vejo mergulhado na profundidade de um outro ser cujo poder de atração anestesia a totalidade de meus pensamentos. Consigo apenas perceber que os lábios são os mesmo carnudos que sinto quentes e macios percorrendo meu ombro num abrir e fechar prendendo minha pele. Carne mordendo carne depois passeando entre os pelos de meu peito em meu corpo inteiro beijando meu sexo teso. E quando a boca sobe e encontra a minha, os corpos em movimentos tensos, deito sobre ela e um de meus pés toca de leve um pé duro seco frio liso esmaltado como um casco de cabra. Dou um grito, pulo da cama para apavorado olhá-la de longe completamente vazia, os lençóis revoltos. No ar um forte cheiro de enxofre...

Mas ontem contei tudo isso a um outro amigo e no fim ele simplesmente me perguntou rindo: “Há quantos meses você não deita com uma mulher?”

E agora não sei mais se é mesmo o Diabo ou apenas falta de mulher...



- E como é que você sabe?

- Realmente não sei como é que sei. Só sei que sei. Sei lá, tenho a impressão que certas pessoas sabem e outras não sabem. Mas isso não tem muita importância.

- Não sei, não. Sinto muito mas ainda não estou acreditando. Me faltam provas. Sei que você é uma pessoa séria, mas como é possível se não há nenhum indício?

- Lembra-se do grande mau-cheiro que ia crescendo, crescendo minuto a minuto e era sentido em todos os continentes, lembra-se do barulho que os jornais e a televisão fizeram?

- Claro, disso eu me lembro, mas por mais que me esforce não consigo me lembrar do momento... se é mesmo que houve esse momento?

- Houve sim. E não teve nenhuma importância. A maioria das pessoas não sabe. Esse o grande mistério. Assim como o louco pensa que não está louco, o morto acredita piamente que está vivo...

- Mas nada mudou. Tudo está do mesmo jeito...

- Está?

- Bem, tenho a impressão que sim.

- Lembra-se de quando você tinha dezoito anos?

- Mais ou menos, por quê?

- Procure se lembrar. O que era um pai para você? O que era uma mãe? E mulher? Lembra-se bem o que era uma mulher para você quando tinha dezoito anos? E a ideia do futuro? Quando você completou cinquenta anos, lembra-se, lembra-se se então o futuro era o mesmo tipo de coisa que quando tinha dezoito anos? A gente tem a impressão de que tudo está sempre igual, que somos sempre os mesmos, mas isso não é verdade. Mudados todos os dias.

- Sim, concordo. Existem mesmo algumas mudanças além dos sinais de envelhecimento, além da nova casa, da nova mulher, é, de

fato quando nosso filho vira homem a gente começa a sentir que tanta coisa mudou, é, você tem razão.

- Pois é. É só isso que existe. Mudança, transformações o tempo todo.

- Sim, mas e a História?

- Que História?

- Ora, a História da Civilização!

- O que tem ela?

- Quero saber se ela acaba. A História é eterna, não é?

- Bom, é meio difícil acabar porque na realidade ela nunca existiu.

- Como não?

- Se nós não fôssemos à escola, se nós não tivéssemos livros ou filmes ou qualquer outro tipo de registro, onde estaria essa tal de História da Civilização?

Olhe aqui, preste atenção. A gente é o que imagina que é. E se todo um grupo humano, todo um país, toda a humanidade acredita que é uma coisa. Por exemplo, a humanidade acredita que é humanidade e que tem uma História, etc. Mas tudo isso não passa de uma convenção universalmente aceita, só isso. Assim como existe o meu Eu que considero ser o todo de minha realidade e o conheço através da memória, das ideias que tenho de mim mesmo, etc., assim também é essa chamada humanidade que poderíamos considerar como nada mais que um Eu coletivo muito grande, com as mesmas características básicas do Eu individual.

- Não estou entendendo bem onde você quer chegar...

- Quero chegar simplesmente nisso: você jamais saberá se agora você está vivo ou se está morto.

- O quê?!

- Apenas isso. Pelo que já pude perceber, você tem certeza de que no momento está vivo e bem vivo só porque fala, movimenta-se, pensa, lembra-se de datas históricas, etc. Mas você está morto e bem morto. E eu também.

- Desculpe, mas tenho que voltar à pergunta: como é que você sabe que nós estamos mortos e eu não sei? Como posso estar morto se vejo e sinto o meu corpo e ele é exatamente o mesmo que sempre tive?

- Será que é? Para garantir isso você se baseia somente numa de suas faculdades: a memória. E que tal se sua memória não estiver funcionando direito? Veja bem. Quando uma pessoa está sonhando, enquanto sonha, tem certeza de que tudo o que se passa então é a realidade, certo? E quando acorda, vê que não é. Se eu sonho que sou um cavaleiro da Idade Média, enquanto sonhando não tenho a menor dúvida de que sou o que vivencio no sonho. E a memória, essa sua tão prezada memória, tão importante memória, onde é que ela está? De que vale ela? A memória é mais frágil do que pensamos. E pode nos enganar. E pode funcionar de muitas maneiras.

- Sim, mas acontece que eu não estou sonhando.

- E não está mesmo. Nisso está certíssimo. Você não está sonhando. Você está é morto, e bem morto.

- Prove, vamos, prove!

- Provo, sim. Mas só depois de você me provar que está vivo.

- É muito simples. Estou vivo simplesmente porque não estou morto.

- O que é um morto?

- Morto é morto, ora essa. Nunca viu um morto? Morto, defunto, cadáver de caixão ou enterrado. Olhe bem para mim, sinta meu corpo, meu hálito, veja como minha mão pode apertar, ouça as palavras saindo de minha boca.

- E se você estiver apenas sonhando que está vivo? E eu aqui na sua frente seria então apenas parte de se sonho, hein! Que tal?

- Mas você é a minha prova, nesse caso. Você está aí e pode comprovar que estou vivo, pode me tocar, me sentir, me ouvir, ter a certeza física de que estou vivo.

- Não sei não. Para ser franco, e desculpe te desapontar, eu... eu não estou vendo, nem ouvindo você, desculpe mas estou sendo absolutamente verdadeiro.

- O quê!?! Mas como não está me vendo? Não seja ridículo. Quer ver só como te pego nessa? É muito simples. Como é então que está conversando comigo, que está respondendo ao que digo se não ouve minhas palavras?

- Mas como sabe que existe alguém aqui conversando com você?

- Como sei? Ora, como sei, sei...

- Não sabe não. Pensa que sabe. Sonha que sabe, só isso. Sonha que eu estou aqui na sua frente, que tenho tal forma, tal cabelo, tal altura, visto tal roupa, falo tais coisas, discuto com você sobre realidade e sobre sonho, etc. Mas será que isso está mesmo acontecendo ou tudo não passa de um sonho?

- !!!??

- Quer você queira, quer não, nós dois estamos mortos. E estamos mortos porque morremos. E não fomos só nós dois. Toda a querida e famosa Humanidade morreu conosco. Aquele grande mau-cheiro foi crescendo, lembra-se? Crescendo e em menos de um mês todos começamos a morrer. Não sobrou ninguém.

- Como sabe?

- E se eu te contar que quando a gente consegue pular para fora do tempo e do espaço, para além do ser e do não-ser, fica muito fácil observar a morte e a vida? Tão fácil como observar a primavera e o inverno, o dia e a noite. Eu vejo a vida e vejo a morte simplesmente porque não olho nem para a vida e nem para a morte, entendeu? Sabe o que existe além da vida e da morte? Além da vida e da morte existe a vida e a morte e ao mesmo tempo não existe nem a vida nem a morte. Eu sou a vida e sou a morte sem ser nenhuma das duas. Não sei o que é morte, simplesmente porque não sei o que é vida. Ninguém sabe o que é a vida, sabia disso?

- Isso tudo não faz nenhum sentido.

- Eu sei. Como sei também que não adianta nada te explicar porque sei que morri, sei que você morreu, sei que todos morremos. Mas ao mesmo tempo ninguém de nós morreu. Viver é apenas ter consciência de estar vivo. Estar morto igualmente é uma forma de consciência. Mas essa tal de consciência, o que realmente é ela? Será que não é uma ilusão? Veja você: tem total e plena consciência de que está vivo. Será que está mesmo? Não consegue provar. Consciência, ilusão. E o que será que há além da consciência e da ilusão?

- Desculpe, mas preciso ir andando. A conversa está ficando cada vez mais sem sentido, mais, mais louca!

- Louco, loucura! E se você estiver louco, hein? Já pensou nessa possibilidade? É tudo um problema de nível de consciência, meu amigo, só isso, nível de consciência. Um nível que nos garante que estamos vivos, um nível que nos garante que estamos mortos, um nível de consciência que chamamos de sonho, um outro que chamamos de realidade, o nível de consciência dos chamados loucos, o nível de consciência das crianças, dos artistas, dos místicos. Tudo níveis de consciência, só isso.

- Tolices! Adeus!

- Espere aí!

- O que que foi?

- Vai sair assim em pleno Dia de Finados? Às duas horas da tarde, com o cemitério cheio de gente? Olhe que vai assustar todo mundo e poderá até ser preso...

- Cretino!

- Mas por um momento pensou que fosse verdade, que você estivesse mesmo num cemitério, hein? E tem certeza que não está mortinho em um cemitério apenas sonhando que está vivo? Pense nisso.

Pronto. Faltava apenas mais um teste. E aí teria nas mãos um aparelho que lhe permitiria novamente conviver com as pessoas. Tudo começou depois que viu fracassada sua última esperança de modificar sua mente ou o seu eu ou a estrutura de sua personalidade ou o nome que venham a dar às chamadas mudanças interiores que deixam a gente sem conflito, sem ansiedade no complicado jogo de sentimentos que acontece no mundo do relacionamento humano.

Agora ele não mais acreditava que esse fosse necessariamente um jogo sempre complicado e penoso. Já sabia possível controlar as reações dos outros através de um instrumento eletrônico. Bastava mais um teste. Um teste simples de garantia, apenas uma confirmação.

Dez anos de análise psicológica. Três anos com um guru na Índia. Um ano com um monge budista no Tibet. E como saldo tornara-se um verdadeiro sábio. Podia falar horas sobre a mente humana ou escrever teses altamente sofisticadas que seriam admiradas por qualquer universidade de prestígio. Sua biblioteca sobre psicologia, sobre Taoísmo, sobre Hinduísmo, sobre Budismo, sobre estranhos métodos orientais de libertação da mente reunia cerca de mil e quinhentos volumes. Mas, toda vez que tinha de comprar uma simples aspirina numa farmácia, sentia a presença do vendedor como uma ameaça. Sentia que ele o estava julgando, percebendo sua insegurança e aí, quando tentava ficar à vontade, demonstrava ainda mais o seu desligamento porque agia sem naturalidade ou então começava a agradar, a ser gentil demais com o vendedor e este logo trocava algum olhar com um colega, etc. Claro que sabia tudo sobre esse fato: sabia que por ser excessivamente preocupado em ter um relacionamento natural com os outros, sua mente ficava dividida entre a maneira que deveria e a maneira que não deveria se comportar. Sabia que esse conflito era a origem do problema. Sabia também que isso o tornava uma pessoa diferente. E sabendo disso, procurava se vestir da maneira mais comum possível para não chamar atenção. Mas talvez seus olhos,

o tom de sua voz, a vibração de seu corpo, talvez essas coisas denunciavam sua não integração, sua não identificação com as pessoas e lugares em que estivesse. Sabia igualmente e muito bem que os iguais têm necessidade de excluir os diferentes como medida simples de defesa das suas características já acomodadas. Sabia de todas essas coisas, mas e daí? O que adiantava saber e não praticar? Quanto mais longe foi na busca de um autoconhecimento que lhe possibilitasse uma convivência normal com os outros, sem precisar se sentir um estranho, um rejeitado e sem sobretudo precisar sofrer com o sentimento de fraqueza quando se despersonalizava diante dos outros para que não o vissem como um estranho, quanto mais longe foi nessa busca, mais sentia-se um ser à parte, um sujeito diferente. E claro que isso seria mesmo fatal. Sua mente voou por alturas nunca dantes navegadas, sua mente investigou sutilezas de sentimentos e de comportamentos e de personalidades, sua mente especulou sobre o ser e o não ser, sobre a vida e sobre a morte, sobre a verdade, sobre o relativo e sobre o absoluto, sobre o problema da identidade existencial, sobre a realidade, os limites do ser, etc. E quem, dos que conhecia, tinha a mente colocada em tais lugares? Quem já tinha sequer posto em dúvida o sentido da vida? Ou a realidade do ser? Era evidente que não podia ser igual aos outros. Não que se julgasse melhor. Isso nunca passou por sua cabeça, porque seu problema maior sempre foi o de conseguir ser igual aos outros, ser simples como os outros. Amar sem precisar atormentar-se com o sentido do amor, com as motivações secretas e aparentes do amor, o porquê de se amar uma determinada pessoa e não outra, até quando o amor não é uma simples forma de apego, de dependência, de falta de coragem de ser só, de apoio, de fraqueza, etc. Não, ele não se julgava superior às pessoas que conseguiam simplesmente amar. Porque sentia, bem lá no fundo, uma grande falta de amor. Mas por tudo isso, era um homem diferente. E como conviver com os outros que não eram como ele? Houve tempo que tentou o encontro com quem julgou poderia ser como ele. E o fracasso foi ainda maior. Simplesmente odiou as

peças que ficavam o tempo todo discutindo, especulando sobre os comportamentos da mente, sobre as ilusões, sobre motivações inconscientes, sobre conceitos de alienação, sobre o descaminho do homem moderno, sobre a desindividualização nas sociedades de massa, sobre a volta à natureza, sobre a solidão, sobre a falta de comunicação entre os homens. Isso tudo o deixava profundamente irritado. Eram cegos querendo doutrinar sobre artes visuais, ou sobre como o por do sol estava perdendo sua beleza. Eram pessoas acomodadas no desencontro, eram marginais de profissão. Tudo tão ridículo como um clube que procura reunir pessoas solitárias e onde todos só falam de solidão. A solidão como uma bandeira, como uma afirmação, como uma identidade. Ridículo.

Mas ele não era homem de desistir da luta. Por quê? Nunca conseguiu descobrir. O suicídio nunca lhe passou pela cabeça. E o seu tipo de problema existencial, e mais as viagens sem bússola que viajou para regiões desconhecidas, sem dúvida seriam mais que suficientes para não apenas um, mas uns cem suicídios, se isso fosse possível. Não, ele nunca pensou em suicídio. Sofria, desesperava-se, mas continuava lutando. Teria que encontrar uma saída.

E finalmente encontrou uma quando lendo um artigo sobre as novas possibilidades de aplicação da eletrônica, teve a ideia de criar um aparelho que fosse capaz de modificar as reações emocionais, sentimentais e mesmo os pensamentos das pessoas. Dos outros. Foi assim: ouviu falar de um cientista, um físico ganhador do Prêmio Nobel que além de desenvolver hipóteses, de produzir fórmulas e códigos matemáticos ultrassofisticados do campo da cibernética, era também um engenhoso construtor de protótipos de aparelhos que materializassem suas ideias, Foi procurá-lo. Como era um homem muito rico, não foi difícil encontrar contatos que o levassem a ser bem recebido pelo cientista. Diante deste, expôs seu plano. Um aparelho que pudesse emitir vibrações de ondas em tudo semelhante às ondas alfa ou beta ou gama, enfim, não conhecia profundamente o assunto dessas ondas que o corpo e a mente humana emitem, mas trocando



ideias com o cientista, ele certificou-se que, de fato, as ondas emitidas pelo corpo humano poderiam ser modificadas artificialmente por um aparelho eletrônico. Não era coisa simples, mas também não era tarefa impossível. O cientista entusiasmou-se pelas ideias do nosso herói que é um homem muito criativo, de uma imaginação sempre em efervescência. E os dois passaram uma semana emocionados com as possibilidades que tal aparelho poderia trazer para o campo das relações humanas. Mas quando finalmente o cientista começou a perceber as intenções do nosso amigo, tornou-se logo um tanto reticente. E mostrou sérias dúvidas quanto ao mau emprego que um tal instrumento poderia ter nas mãos de pessoas mal intencionadas. E disse claramente então seu temor de que seria uma arma muito perigosa a ser posta na mão do homem.

- E a bomba atômica?

- Sou de opinião de que nunca deveria ter sido criada.

- E os usos chamados pacíficos da energia nuclear?

- Não compensam os usos bélicos. E creio que nem os pacíficos.

- Bom, era o que eu queria saber. Agora finalmente tenho certeza de que estamos mesmo diante de uma realidade e não mais de uma hipótese. Agora não tenho mais dúvida de que o nosso aparelho poderá mesmo ser feito e funcionará.

E sacando um revólver, explicou ao cientista que nada lhe aconteceria se fizesse exatamente tudo o que iria lhe ordenar. Mandou que o cientista descesse para seu laboratório eletrônico superequipado e começasse imediatamente a executar o projeto. E isso poderia ser feito simplesmente porque antes o cientista lhe havia explicado que a concepção do aparelho era difícilíssima, mas sua execução, sua materialização, vamos dizer, era de grande simplicidade e em seu laboratório havia todo o necessário para desenvolver e concluir o projeto. Pediu que o cientista fizesse alguns telefonemas comunicando todas as pessoas e instituições com que tinha contato de que iria viajar por algum tempo. Sua filha, com que morava, havia deixado a cidade por quinze dias, nosso herói sabia disso. E o cientista não tinha

empregados, gostava ele mesmo de cozinhar e arrumar e limpar a casa, dizia que como derivativo físico muito concreto, muito ligado às coisas simples da vida, atividades que recarregavam sua bateria e energias desgastadas por muita atividade intelectual, abstrata. Mais um telefonema também foi feito, para um supermercado que logo mandou entregar alimentos suficientes para uma semana.

- Pronto. E agora, mãos à obra!

Três dias depois, o aparelho estava pronto. Era pequeno como um celular. E agora iriam realizar o teste final.

Nosso herói, com o revólver na mão esquerda, pegou com a direita o aparelho e acionou os pequenos botões que o cientista lhe indicara. Os mesmos do dia anterior, quando pela primeira vez viram que o aparelho de fato funcionava. O cientista não conseguia esconder sua alegria, e o nosso herói notou que deveria estar sendo difícil para ele ter que condenar com a razão, com os conceitos morais, uma criação que deixava o seu ego satisfeítíssimo. E disse para o cientista:

- Agora preste muita atenção. Eu o respeito e admiro profundamente e pode ter a certeza de que jamais usarei isso contra ninguém, para prejudicar ninguém. Será apenas e somente para minha segurança interior, existencial. De hoje em diante jamais terei novamente problemas com as pessoas. Quando eu der amor e afeição a alguém, terei então certeza de ser retribuído. Porque é só isso que eu quero na vida, amar e ser amado. Poderei a partir de hoje viver livremente, com pureza, com sinceridade, poderei externar todos os meus sentimentos, não precisarei mais fingir, ser hipócrita, ter que guardar distância psicológica das pessoas, ah, que maravilha, poderei me abrir à vontade, me expandir, ser eu mesmo, amar como uma criança ama, como um pássaro canta, livremente, sem medo de incompreensões, de inveja, de maldade, sem temer a crueldade dos que não conseguem dar amor, ah, que maravilha, meu deus! Basta apertar esses botões e serão emitidas ondas de encontro, ondas de harmonia, Apertando esses botões os outros entrarão na mesma faixa de vibração, de amor, que eu estiver. Os outros irão sentir que sou

igual a eles, que também quero me unir, me ligar como todo mundo quer. Porque sei que todo mundo no fundo só quer mesmo isso embora não tenham consciência. Sentirão o amor que vem de mim, esse amor que durante tantos anos venho escondendo com medo do mau uso que possam fazer dele. Basta um simples toque nesses botões e as vibrações dos outros serão outras, perderão as qualidades de desamor, de suspeita, de inveja, de competição. Sim, não consegui me modificar, não consegui me tornar um homem frio, insensível, um homem que se aproveita da fraqueza dos outros, um homem sem amor. Eu jamais conseguiria me modificar, me adaptar ao jogo, sem máscaras. Por isso sou hoje o homem mais feliz do mundo, porque agora tenho em minhas mãos o poder de criar amor nos outros. Quando nascemos em um mundo que nos é profundamente adverso só existem duas saídas: ou nos adaptamos aos valores e comportamentos desse mundo ou tentamos modificá-lo. Não consegui me adaptar, mas somente porque não queria, não achava que seria o melhor a fazer. Também não consegui me tornar insensível, defendido e imune. Mas agora finalmente tenho comigo a maneira de tornar o mundo melhor, as pessoas serão outras, poderão dar e receber amor como eu e como eu serão finalmente felizes.

- Viva, viva. Que maravilha!

- Como? Desculpe, mas o que foi mesmo que o senhor disse?

- Estou contentíssimo. O aparelho funcionou realmente.

- E como pode ver, enquanto estiver em minhas mãos, jamais será usado contra o amor. O senhor acaba de sentir minha sinceridade, meus anseios mais profundos e verdadeiros.

- Isto é verdade. Pena que todo mundo não tenha a mesma coragem de dizer assim tão abertamente todo o amor que vai lá dentro. Isto seria mais que suficiente para criar toda uma reação em cadeia para o lado da harmonia universal. É, sim. Creia nisso porque é verdade. Do mesmo jeito que a suspeita e a hipocrisia geram suspeitas e hipocrisias numa reação em cadeia, assim também é o gesto correto, a palavra sincera, a expressão corajosa de um sentimento de amor

criam vibrações nesse sentido. A harmonia quando expressada por um comportamento ou por palavras verdadeiras e até mesmo por pensamentos harmônicos, se propaga criando toda uma cadeia de vibrações harmônicas. E assim também a desarmonia. Uma onda vibratória de amor tem o poder de criar uma reação em cadeia. Falo de quando uma pessoa não pensa em si mesma ao amar. E somente esse tipo de amor é que tem o poder de modificar as vibrações da outra pessoa em vibrações de amor.

Veja o seu caso. Confiante no poder desse aparelho, o senhor, desculpe o lugar comum, o senhor abriu o seu coração e deixou o amor todo que estava guardado, escondido, sair e ele saiu plenamente, suas ondas de vibração me atingiram, me modificaram, alteraram meus sentimentos, minha emoção, etc. Tudo virou amor nesta sala. Não é isso que está sentindo?

- Sim, de fato é isso que estou sentindo. Sinto uma paz, uma sensação gostosa de segurança, de união, sinto que o espaço e o tempo são uma coisa só e que o tempo parou para aproveitar também esse amor que está no ar... Mas, espere um pouco. O senhor falou qualquer coisa sobre eu estar confiante no aparelho...

- Isso mesmo. Essa caixinha que o senhor tem nas mãos é apenas um punhado de transistores, fios, plaquetas de cobre bem montadas e com cara de aparelho eletrônico sofisticado. Mas na realidade não serve para nada, nem mesmo para acender um cigarro...

Ele vai até a estante, pega um livro, deita no sofá, deixa o livro sobre o peito, pega um cigarro e põe entre os lábios. Acende o cigarro sem pressa, procura o cinzeiro. O cinzeiro não está por perto. Vai jogando a cinza no chão mesmo. Começa a ler o livro. Ela está no banheiro afinando a sobrancelha com uma pinça, tirando fio por fio pensando ser bem provável que hoje ainda chova, com esse calor que está fazendo, se chover pelo menos refresca um pouco, uff, ela não aguenta esse maldito calor, mas refrescar é uma coisa e fazer frio é outra e se for o caso, se esfriar muito depois da chuva que ainda não caiu, vai ser horrível porque não está com nenhum vestido que goste ou inédito ou pouco visto e que seja de inverno, à noite irão à casa de uns amigos, vai ter lá uma festinha chata e mesmo assim, se chateando, gosta de ir, naturalmente com um vestido bacana, etc. Ele fecha o livro, está com vontade de ir à estante buscar outro, talvez um do Marquês de Sade, especificamente Filosofia no Quarto, que começou a ler ontem à noite, mas seu corpo não obedece porque sua cabeça ainda não tem certeza se quer mesmo ou não ler aquele livro de Sade que é um livro que o deixa muito excitado e se ficar excitado será a maior besteira, para quê? Continua com o primeiro livro fechado sobre o peito e se lembra que seu estúdio tem uma goteira bem em cima da mesa, com esse calor vai acabar chovendo, pensa na goteira, se esquece de Sade, é uma goteira muito chata que nunca lembra de mandar consertar, depois começa a pensar na reunião que vai à noite, adora reuniões, gosta de esperar por ela, de ir, de chegar, de ficar, mas volta sempre frustrado para casa. Ela está casada há uns dez anos e seus cabelos são negros e atualmente curtos. É filha de pais desquitados, mas isso não tem assim tanta importância, pelo menos a importância que a gente costuma dar, porque já vi filha de pais divorciados proceder de um jeito na vida e filha de pais desquitados proceder de jeito totalmente oposto, por isso não vejo razão para se dar importância ao fato dela ser filha de pais divorciados e se estou

falando nisso agora é simplesmente porque Ela é filha de pais divorciados. Também não é assim tão fundamental o fato de que ela seja filha única, ela é filha única, mas e daí? Desde quando, pelo simples fato de uma pessoa ser filho único ou de pais divorciados essa pessoa deixa de viver com a morte no peito? Desde quando ela, por isso, deixa de ter apetites, os apetites todos deste ou daquele jeito que nos levam a viver assim ou assado? Ele ontem foi ao cinema, está casado com Ela. Portanto, há uns dez anos que é casado, e no cinema encontrou um amigo de infância, mas fez que não viu o tal amigo porque acha que amigo é uma questão de afinidade e não de tradição ou de troca de favores no passado ou no presente e nunca camaradagem que já houve, mas camaradagem que há, por isso Ele não deixou que o amigo de infância o cumprimentasse, na certa bateriam um papo bobo e sem nenhuma graça, insincero, formal, terrivelmente falso, não Ele sempre que pode evita conversar com quem não tem nada com Ele. Nos primeiros anos de casados, não tinham filho. Então Ela lhe dizia que a casa estava vazia, não era um lar, a casa é o corpo, o filho é a alma, lar é casa com alma, quer dizer, com filho. Hoje eles têm um filho de quatro ou cinco anos e a casa continua casa, já mudaram várias vezes de casa aqui e no exterior e a casa continua casa, Ele continua Ele, Ela continua Ela, o filho continua filho. Ele ontem assistiu um filme muito bem feito contando sobre um casal que levava uma vida vazia, os dois morriam de tédio se enterrando num niilismo cada vez mais fundo, nada lhes dava mais prazer e já tinham esquecido o que fosse alegria, bom humor, leveza de espírito, o tal casal perambulou durante quase duas horas pelo filme com o objetivo de entregar uma mensagem aos espectadores, a mensagem de que a humanidade não consegue mais amar, que está todo mundo fechado dentro de si só preocupado em dar de comer ao próprio egoísmo. Coisas assim queria dizer o filme. Mas Ele ficou com raiva ontem à noite no cinema. Não porque o filme fosse um espelho. Ficou com raiva porque é contra esse conceito de que a arte deve mostrar nós para nós mesmos, isso só serve para nos aborrecer.

O que me interessa eu olhar no espelho se nele vejo uma cara que não gosto? A arte, o cinema principalmente que fala com o grande público, o cinema deve mostrar um homem que Ele gostaria de ser e não aquele que Ele é. Gostaria de ir ao cinema e ver a vida de um herói. Já anda cansado de assistir à sofisticação dos chamados anti-heróis. Depois de desabafar para si mesmo sobre essas ideias, começa a pensar novamente e chega à conclusão de que esse negócio de herói também é bobagem, é fugir ainda mais de nós mesmos. Ele não gostaria de ser um herói. Para quê? As épocas de decadência da humanidade se caracterizam pela ausência de grandes heróis, grandes artistas. Então a época em que Ele vive é realmente de decadência? O que fazer então? Lutar contra a decadência de sua época ou lutar contra a própria decadência? Sair por aí proclamando a necessidade de heróis, de artistas? E os cientistas? E os técnicos? O que eles vão achar disso? Vão morrer de rir ou mandar internar o louco que fala essas bobagens. Mas o filme disse que Ele é decadente. Ora, mas o filme foi feito por um artista que só acredita que a humanidade vai bem quando possui um punhado dos tais valores, sejam eles positivos como a fé e a fraternidade ou negativos como o namoro com a morte e a angústia. Não, Ele não se julga um decadente, nem um homem sem capacidade de amar... Ele se julga, Ele se julga, Ele se julga atualmente um homem incapaz de julgar qualquer coisa. Só isso. Só isso, coisa nenhuma! E o tédio que sente o dia todo? É por falta de valores? Por falta de fé? Por falta de amor? Por excesso de egoísmo? Por causa da bomba atômica? Por causa do câncer? E tudo isso gera um terrível medo de viver? É então o medo de viver que causa o tédio? Ele vive pensando nessas coisas e seu tédio só faz aumentar porque quanto mais procura sair do labirinto, maior se torna sua solidão e a solidão é mãe ou filha do tédio? Ele está perdido no labirinto porque é um homem lúcido. Ela também está perdida no labirinto. Ela quer sair do labirinto. E anda como quem anda num lago profundo e negro, pisando sobre pontas de pedras que se fecham num caminho infinitamente circular. Já deu mil voltas sobre essas pedras.

São seus deveres de todo dia, suas obrigações autoimpostas, seus inúteis compromissos. Ela não se interroga, nem faz perguntas à vida. Ela caminha sobre as pedras machucando os pés e não quer cair no algo profundo e negro. Ela amanhã quando sair da repartição em que trabalha irá comprar uns três ou quatro livrinhos de história policial que servem para ajudá-la a ficar parada sobre a ponta aguda de uma das pedras quando os pés não aguentam mais andar. Devorados os quatro livros, voltará a andar. Sobre as pedras, sempre fingindo que não tem medo de se afogar. Bem, mas a verdade mesmo é esta: Ele já nem sabe mais de pedras e lagos escuros. Ele já nem consegue mais saber do que está sabendo ou não sabendo sobre qualquer coisa. Ela está morta. Ele está morto. Os dois, sem precisar um dizer ao outro, já sabem muito bem que estão definitivamente mortos. É o único vínculo que une os dois bem no fundo para além das palavras e fingimentos. Todos os domingos, sem combinar, encontram-se no cemitério mais próximo. E ficam horas contemplando os túmulos como se olhassem espelhos.



- "Eu não preciso de hotel. Vou dormir com a mulher do delegado!" Disse ao desembarcar. Foram suas primeiras palavras. O carregador (tinha comissão para indicar aos recém-chegados um certo hotel) ficou mudo. Não sabia o que dizer. Também, pudera! isso era lá coisa que se falasse? Com a mulher de qualquer um outro já era absurdo. Mas com a do... Nem era bom pensar. Não queria nem repetir a loucura que aquele forasteiro tivera a coragem de dizer. Justamente com o delegado! O homem que acabara, de uma vez, com todos os valentões da cidadezinha. Só mesmo um louco!

O viajante deixou a estação e, pisando duro, cabeça erguida, dirigiu-se para uma praça que havia em frente. Nela, procurou um fotógrafo ambulante e mandou que o fotografasse. Deu uma volta pela praça, olhando feio para todo mundo, enquanto esperava ficasse pronta a fotografia. Daí a pouco o homem lhe entregava uma foto de corpo inteiro. Olhou bem para ela: retratava um homem alto, magro, de bota e culote, blusão de couro, uma cara muito séria e feia, barba rala, um bigode mal tratado escorrendo pelos cantos da boca. E os olhos eram enxutos, sem brilho, sepultando uma expressão indefinida. Sobre a cabeça, um grande chapéu. De abas exageradamente largas e com uma fita vermelha. Parecia ter custado muito caro. Era o ponto alto de sua personalidade, aquele chapéu completamente diferente dos usados na redondeza. Em seguida, pediu ao fotógrafo que fizesse uns retoques e mandasse entregar ao delegado para que ele ficasse sabendo com quem é que sua mulher iria dormir aquela noite. Passou com carinho a mão pelo chapéu, arrumou melhor na cabeça e saiu sem pagar. Andou um pouco e já estava no centro da pequena cidade. Em frente à Igreja. Era domingo, a missa tinha terminado há uns quinze minutos e o padre já vinha saindo. Uma ótima oportunidade para se exhibir. O largo estava cheio de gente que passeava, descansava, fazia hora para esperar o almoço. Aquele era o momento ideal para ele fazer qualquer coisa de extraordinário que chamasse a atenção. Seria sua

entrada triunfal. Iria se apresentar. Logo de manhã ficariam sabendo de sua existência. E como já sucedera em outros lugares, começariam a respeitá-lo. Portanto não podia perder tempo. Imediatamente dirigiu-se ao padre que passava por ele e segurou-o pelo braço. Depois pegou também uma moça muito bonita que ia passando por ali. Ambos protestaram. A moça gritou que a largasse. Juntou gente. Ele esperou que aumentasse o número dos espectadores curiosos e espantados. O padre começou a dizer algumas palavras em tom de sermão. Mais gente se aglomerou. Uma multidão. Era o momento! Sacou de um punhal, encostou-o na moça e disse que se o padre não a beijasse, ele a mataria. O pobre homem fez o sinal da cruz e começou a rezar. A moça chorou. Ambos tentaram escapar. O povo quis intervir, mas o forasteiro ameaçou: "- Se derem um passo, eu enterro o punhal nela!" O padre fez novamente o sinal da cruz e disse em ritmo de prece: "- Como é para salvar uma de minhas ovelhas, eu me sacrifico. Mas não se aproximem desta pessoa, pois não estão diante dum homem e sim do diabo em figura de gente!" E beijou a moça...

Ele estava apresentado. Todos os habitantes do lugar já falavam nele. Era comentado. Tudo o que fizesse dali por diante seria sucesso. Quando largou o padre e a moça, os dois saíram correndo e a multidão não ousou se aproximar, ficou olhando de longe (com o diabo não se brinca!) Isso facilitou muito a valentia do nosso herói. Que saindo dali foi até a porta do bar, pegou um cavalo qualquer que estava amarrado na frente, montou, passou outra vez a mão pelo exótico chapéu, acertando bem, e entrou com cavalo e tudo para dentro do bar. Quebrou muita coisa, deu chicotadas para todo lado, bebeu uma bebida qualquer, cutucou a espora no cavalo, deu meia-volta e saiu a galope, sem pagar. Depois apeou e foi andando pelo meio da rua. O povo nos passeios assistindo. Mas em sentido contrário ao que ia, surgiu um soldado. Ao se aproximar do valentão, disse em voz bem alta que o delegado o estava chamando na delegacia e que ele fizesse o favor de acompanhá-lo. A assistência vibrou. Uns chegaram até a aplaudir. O forasteiro não podia recusar. Era destruir tudo o que fizera.

Tinha de enfrentar o delegado. Não podia fazer feio. E acompanhou o polícia dizendo que ia "com muito prazer." Atrás dos dois, a procissão de curiosos seguiu, cada vez mais numerosa e entusiasmada. Ao chegar na delegacia o viajante arrumou, desta vez com maior cuidado, o chapéu de abas largas e gritou para a multidão que se espalhara, ansiosa, em toda a frente do prédio: "- Rezem pela alma do delegado! Pois a não ser no outro mundo este pobre homem nunca mais há de prender ninguém..." E entrou arrogante.

Lá dentro, passou-se uma cena curiosa. O delegado era um homem simples, muito simpático e sobretudo inteligente. Muito inteligente. Esperou que o preso fizesse muitas ameaças para depois ordenar a dois soldados que o segurassem. A ordem foi executada. Em seguida, aproximou-se e tirou-lhe o chapéu da cabeça, ele quis reagir, mas estava bem seguro. Pegou de uma tesoura sobre a mesa e calmamente cortou a aba do chapéu, deixando-a do tamanho das normais. Arrancou a fita vermelha e jogou fora. Pôs novamente o chapéu na cabeça do preso. Este estava pálido, rosto molhado de suor, os olhos arregalados, corpo imóvel. Medo, ódio e covardia concentrados. Uma amputação: cortaram as pernas de um corredor, as mãos de um pianista. Depois mandou que soltassem o homem. Os soldados ficaram em dúvida. O delegado, sorrindo, insistiu na ordem: "- Podem soltá-lo. Ele agora não faz mais nada." E de fato, tinha razão. Foi solto: olhou para todos com raiva e deixou a delegacia de cabeça baixa. Humilhado!

O povo lá fora, ao ver o valentão naquele estado, começou a vaiar com a ferocidade que as multidões possuem quando ofendidas.

Como uma borboleta azul ela acaba de me telefonar para dizer contente que sonhou com um lago verdinho como um tapete pontilhado de flores amarelas de sol. O que quer dizer isso? De vez em quando, parque Azul me telefona para perguntar coisas: que dia é hoje do mês? Como se faz mingau de aveia? Amanhã vai chover? O que é um peritônio? Alexandre era macedônio ou grego? Coisas assim que precisa saber para continuar sendo parque Azul como uma borboleta azul e não cinzenta.

Expliquei então que quando se sonha com um lago verde pontilhado de flores amarelas é sinal de que seu futuro próximo será risonho e franco porque o verde é a cor da esperança.

Gostou da explicação, mandou um gentil abraço extensivo à minha mulher e filho e desligou agradecida.

Curiosa sua insegurança e solidão. Claro que ser parque azul, para quem é, não deve ser coisa fácil. Você se sente tão inseguro e sem sentido simplesmente porque gostaria de ser um parque Verde, expliquei uma vez que me telefonou muito angustiada falando até em suicídio. Tentei dizer que todo mundo tem inveja de sua raridade maravilhosa, claro, quem não gostaria de ser uma coisa tão única e bela como ela é? Aí é que está o problema, respondeu, ser diferente provoca medo e desejo. Os outros têm medo de mim porque não sabem o que realmente sou e isso é perigoso e ao mesmo tempo minha raridade provoca cobiça, desejo forte de me possuir. E eu sinto isso na carne e dói, dá medo e me escondo e é incrível, quanto mais me escondo, mais fico visível, mais se preocupam comigo, não sei mais o que fazer!

Por isso, agora mesmo quando me telefonou falando do sonho, procurei lhe transmitir confiança no futuro, esperança, otimismo e aproveitei também para lhe garantir que o seu problema principal era na realidade um falso problema. Veja: todos nós somos únicos e diferentes, como as impressões digitais. É um engano nascido do

medo da solidão pensarmos que somos em bandos, em grupos, em espécies, em categorias. Bobagens. Eu não pertencço à categoria dos escritores. Tenho tanto a ver com outro escritor como com um pintor ou um médico. Sei que sou e ajo a partir disso, nunca a partir do que querem que eu seja. Você, minha bela Parque Azul, não é apenas um parque Azul, você é o que é em maravilhosa dinâmica, sem nome, sem cor, sem data, você é uma dinâmica que os medrosos chamam de parque Azul por falta de coragem de trocar sentimentos com você. Você é um parque Azul sim, claro, mas os parques verdes são tão verdes como você é azul. Ou seja: somos o que os olhos dos outros conseguem ver e isso está certo. O que não está certo é sermos prisioneiros dessas bolinhas gelatinosas e bobas e frágeis que olham para o mundo e criam prisões. Você é e não é um parque Azul.

- Como assim?

- É simples. Veja-se como um centro dinâmico de energias polares e não como um mero parque Azul. Ser parque Azul é um ponto final, é ser parada e inflexível. Por isso você tem medo dos outros e medo de viver. Você se vendo fixada, parada em parque Azul, você não se sente flexível, ágil para se defender. Uma bola azul parada num parque é um alvo fácil para um atirador. Mas é muito difícil você acertar um tiro num passarinho azul voando. Um dia você, tenho certeza, irá perceber a diferença que existe entre um parque Azul e um parque Azul!

Primeiro lhe tiraram a espada de ouro que quando brilhava ao sol os outros todos ficavam amáveis e doces como seio bom. Depois lhe pediram e ele sabia que não era um pedido, mas uma pressão irrecusável, que pusesse sobre a mesa o seu precioso cérebro capaz de inventar o passado e o futuro de maneira tão clara e palpável que todos lhe davam muito espaço para que seu presente fosse o mais confortável possível. E assim, ele despiu-se de sua espada e de seu cérebro para que pudesse salvar o que considerava seu bem mais precioso. E esse tal de bem mais precioso sabia poder preservar por duas razões básicas: 1. Ninguém sequer poderia jamais suspeitar o que seria seu bem mais precioso. 2. Nem ele mesmo sabia exatamente o que era isso! Houve tempo que pensou ser a honra. Houve tempo que pensou ser o amor. Houve tempo que pensou ser a mente. Houve tempo que pensou ser o prazer. Houve tempo que pensou ser a eternidade. Houve tempo que pensou ser a sabedoria. Houve tempo que pensou ser a energia cósmica. Houve tempo que pensou ser um tal de ser com s maiúsculo e depois com s minúsculo. Houve tempo que começou a não saber mais nada sobre coisa alguma e pensou que isso fosse o bem mais precioso. Houve tempo que percebeu poder entregar a espada de ouro e o cérebro construtor de mundos e assim mesmo seguir sendo o que sempre foi e é exatamente isso o que fez diante dos inquisidores do absurdo.

- O dragão penteia sua juba todas as manhãs antes do sol nascer. Certo? E eu pergunto por que.

- Porque é vaidoso.

- Não.

- Porque gosta de sua juba.

- Não.

- Porque ganhou um pente.

- Não.

- Para não ofender os outros com sua má aparência.

- Não. Você não está atento. Na realidade o dragão não penteia sua juba todas as manhãs antes do sol nascer.

- Mas o senhor disse que ele penteava!

- Se eu disse que você é um cavalo que todas as manhãs escova os dentes e perguntar o porquê de você fazer isso...

- Eu direi que não sou um cavalo.

- Ótimo. Você sabe que você não é um cavalo.

- Mas pensando melhor acho que tenho a inteligência de um cavalo.

- Por quê?

- Porque só um cavalo poderia pensar que um dragão tem juba, coisa pertencente aos leões. É pior, pensar que um dragão possa usar pente para pentear, coisa que só os humanos fazem.

- Errou novamente!

- Por quê?

- Por quê? Ora, como é que você sabe que um dragão não tem juba? Ou que não goste de penteá-la todas as manhãs antes do sol nascer?

- Bem, em primeiro lugar, o senhor agora mesmo negou que o dragão penteia sua juba. Ou já se esqueceu disso?

- Não, não me esqueci. E você já se esqueceu da comparação com o cavalo que escova os dentes?

- Também não.  
- Então vamos continuar.  
- Onde que eu estava mesmo?  
- Estava dizendo que eu disse que o dragão não penteia sua juba todas as manhãs antes do sol nascer.  
- Ah, é. Pois é... bom, entendo, para não ser novamente chamado de cavalo...

- Perdão, mas eu não o chamei de cavalo. Perguntei apenas assim: se eu disser que você é um cavalo que escova os dentes todas as manhãs, etc.

- Certo. Agora me lembro. Fui eu mesmo que me chamei de cavalo ao comparar minha inteligência à desse animal. Pois é, então, então... perdi outra vez o fio da meada...

- De que meada?

- Ora, o negócio do dragão que penteava a juba!

- Não. Preste muita atenção. Eu deixei bem claro que o dragão não penteava a juba todas as manhãs antes do sol nascer. Mas veja bem, não porque o dragão não tenha juba e muito menos por ser esse um hábito só dos humanos.

- Por que então?

- Simplesmente porque dragão não existe. É figura criada pela imaginação dos homens.

- E se ele existisse?

- Aí todos saberíamos as mesmas coisas sobre ele. Em vez de ocuparmos nossas mentes com conversas como esta, discutiríamos se o dragão é bom ou mau, útil ou inútil, belo ou feio, amigo ou inimigo.

- Ah, ótimo, agora entendi o que o senhor quis dizer com tudo isso. Só agora percebo o ridículo de se discutir sobre coisas sem importância. Discutir sobre coisas sem importância é como discutir se um ser imaginário é deste ou daquele jeito. O senhor me ensinou uma grande lição.

- Ensinei?



- Claro. O importante é discutir sobre as qualidades ou os defeitos das coisas que existem. Se tal pessoa é boa ou má, amiga ou inimiga, útil ou inútil, etc. Se tal doutrina política ou religiosa é certa ou não, etc.

- Qual a diferença entre discutir sobre as características e hábitos do dragão e as características ou valores de uma pessoa, de uma instituição, de uma doutrina política ou religiosa?

- O senhor está brincando...

- Não, pode responder.

- Pois foi justamente o que o senhor me ensinou. Devemos discutir sobre coisas e pessoas e instituições concretas que existem. E não sobre fantasias, dragões, etc.

- Eu ensinei isso?

- Claro!

- Não. Eu estava apenas conversando sobre dragão.

- Conversar sobre dragão é uma inutilidade.

- E sobre os conceitos e os julgamentos que temos sobre as pessoas, as instituições, os fatos, as doutrinas religiosas ou políticas?

- Ah, isso é uma maneira útil de ocupar a mente.

- Será? Mas voltando ao nosso amigo dragão. Sabe, às vezes fico pensando que os poetas não teriam nenhum interesse em mentir. Ser poeta é ser apaixonado pelo conhecimento desconhecido da beleza inatingível.

- É.

- E por que diabo eles gostam tanto de falar sobre dragões, centauros, unicórnios?

Será que esses seres realmente existem? O que é mais útil: conversar sobre um dragão ou sobre uma crença? Discutir sobre doutrinas, sobre pessoas, sobre dragão, sobre unicórnios, é tudo a mesma coisa. Só os objetos da conversa e da discussão é que mudam.

- Não entendi.

- Então veja o seguinte: ao pentear sua juba todas as manhãs antes do sol nascer, o dragão...

Quando cheguei ao mundo, todo mundo já estava aqui. Foi numa manhã bonita de setembro, quarta-feira, que cheguei sozinho, todo mundo por aqui cuidando da vida, sabendo cuidar da vida como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Aí, me deu fome e logo me disseram: “É preciso aprender, é preciso saber como conseguir alimento. Não basta ter fome!” Mas então quem pode me ensinar? “Não sei, procure alguém, não vê que neste exato momento eu estou trabalhando para comer?”

Não consegui entender nada porque aquele homem estava de pé em cima de uma pedra falando uma porção de coisas estranhas para uma multidão de outros iguais a ele, muito atentos, ao que dizia, às vezes dando gargalhadas, às vezes chorando e no fim todos batendo uma mão na outra muito satisfeitos da vida. Realmente não consegui ver nenhuma relação entre aquilo tudo e a arte de se conseguir alimento para matar a fome.

Mas minha fome crescia e com todos que falei sobre meu problema, de nada adiantou porque estavam sempre muitos ocupados no trabalho misterioso que precisa ser feito para acabar com a própria fome.

Aí, encontrei um sujeito assustado que era ao mesmo tempo muito medroso e muito agressivo. Perguntei a ele onde eu poderia encontrar alguém ou alguma escola que me ensinasse a arte de arrumar comida... porque esse negócio de viver sempre com fome, era um sofrimento insuportável. E sabe o que ele me disse? Simplesmente nem ouviu o que falei ou se ouviu não se interessou porque foi logo falando de outro assunto: “Olhe, o único problema da vida é o amor.”

- O quê?

- O amor.

- Mas o que é isso?

Eu não conseguia comer e já estava mesmo quase morrendo de fome:

- Depois você me explica essa história de amor... agora, o meu problema...

- O amor é tudo. Quem não tem amor, não tem nada. Estou aqui no mundo há mais de cinquenta anos e até agora não consegui aprender nada sobre o amor, estou cada vez pior, sofro cada vez mais, quero amar, preciso amar e não sei como fazer, entende? Olhe, o amor é a coisa mais complicada que existe, não dá para a gente entender as regras, já fiz tudo, mas nada. Já experimentei todas as possibilidades, nenhuma deu certo. Já tentei ser bonzinho, generoso, me dei inteiro e me fizeram de bobo, me usaram, etc. Já fiz o oposto, quer dizer, já fui egoísta, aproveitador, manipulador dos sentimentos dos outros e sabe o que aconteceu? Disseram simplesmente que não dá para amar uma pessoa egoísta, aproveitadora, manipuladora, etc.

- Mas... desculpe interromper, acontece que eu estou morrendo de fome...

- Não adianta, ninguém, mas ninguém mesmo ensina a gente a amar, pode desistir, é terrível, a gente não sabe, quer desesperadamente amar e ninguém realmente ensina...

- Mas escuta, preste atenção: eu estou com fome! Morrendo de fome, amanhã é quase certo que eu já esteja morto, entende, ninguém quer me ensinar, ninguém me diz o que devo fazer para conseguir alimento...

- Eu também vou morrer amanhã, vou me suicidar, não dá mais para aguentar essa solidão que cada dia fica maior.

- Suicidar? O que é isso? Ah, já sei, deve ser outra dessas artes que ninguém ensina a ninguém, não é?

- Suicidar? Mas para que você precisa aprender isso? Você vai morrer de fome, não vai?

- É. Mas... escuta, você também quando chegou ao mundo, todo mundo já estava aqui?

- Claro.

- Interessante. Eu pensei que eu fosse o único, pensei que todos tinham nascido junto com o mundo, que o mundo ao nascer era

ignorante e assim o mundo e todo o mundo nascendo junto foram aprendendo tudo, entende? Ninguém sabia nada, nem o mundo. E todos foram aprendendo aos poucos. E como eu cheguei tarde, todo mundo já estava adiantado e por isso ninguém poderia perder tempo me ensinando o que chamam de beabá.

- Amanhã vou me suicidar, não dá mais para aguentar!

- Mas se você também, como eu, quando chegou, o mundo e todo mundo já estavam aqui, como é que você sabe comer, sabe arranjar comida?

- É que todos nascemos sabendo uma porção de coisas, menos uma.

- Menos uma?

- Isso mesmo. E essa uma coisa que não sabemos é a nossa desgraça. Cada um com a sua. E não adianta. Ninguém ensina. Se você conseguir aprender, pronto, sua vida então será completa, maravilhosa, gostosa de viver até o fim, etc. Eu nasci sabendo trabalhar para comer e tantas outras coisas difíceis que sei fazer e melhor que muita gente. Você talvez seja um gênio em uma porção de coisas, inclusive na arte do amor. Mas vai morrer de fome porque não sabe trabalhar na direção da comida.

- Então não há saída, já estou condenado?

- É.

- Mas e se nós nos tornarmos professor um do outro?

- Como assim?

- Simples: você me ensina a conseguir alimento. E como nunca tive problema com esse tal de amor, devo ser mestre nessa arte e assim posso te ensinar...

- Não vai ser possível!

- Mas por quê?

- Simplesmente porque eu neste exato momento já comecei a ficar com ódio de você.

- De mim?

- Isso mesmo. Você é um mestre na arte do amor. Sim. Acabou de mostrar isso ao me propor essa troca de favores. Você fez isso com naturalidade. Você troca sem medo, não se preocupa se vai ser enganado ou não, você acredita no amor e eu te odeio exatamente por isso. E como vai ser possível aprender alguma coisa com alguém que eu odeio?

E depois desse diálogo com o homem que não sabia amar, vi que estava mesmo perdido. Ninguém jamais me ensinaria a não morrer de fome. Mas apesar de ser um homem que não sabia amar, apesar de ninguém por aqui pelo mundo afora não querer ensinar nada a ninguém, sem querer ele me ensinou que todos sabemos sempre várias coisas, menos uma e essa uma que não sabemos é a nossa desgraça. E como não gostam mesmo de ensinar de verdade essa coisa que falta, não adianta esperar por isso. Mas ele disse também que só podemos levar uma vida completa, gostosa de viver se nos tornarmos mestres nessa coisa que falta. Ou seja, se entendi ele direito, há uma chance, muito difícil, quase impossível, mas há uma chance de a gente aprender por si mesmo a arte de ser bom naquilo que nos falta.

E assim, comecei a aprender sofredamente a arte de não morrer de fome. Hoje, já consegui uma fatia fina de pão velho e amanhã espero conseguir uma fatia e meia e quem sabe logo esteja até comendo um pão melhor e com manteiga. Estou muito animado. Acho que vou conseguir...

## O GÊNIO E A BORBOLETA

---

Sou um biógrafo profissional. E aqui conto porque não consegui escrever a biografia daquele que talvez tenha sido o homem mais famoso e discutido do nosso século. Não escrevi embora tenha sido convidado para escrever. Era um trabalho que sempre quis realizar. Mas vejam como foi: para que uma pessoa seja tida como morta é necessário que seu corpo tenha sido encontrado em forma de cadáver. E isto até hoje ninguém encontrou. Portanto, o mais correto e verdadeiro será que ele seja considerado apenas desaparecido.

Quando os jornais perderam sua pista e depois de muito esforço sentiram que não seria mais possível informar os leitores sobre o paradeiro de nosso herói, é natural que dessem tratamento de fato aos rumores insistentes que se propagaram sobre sua morte na floresta amazônica vítima de um desastre de avião. Só que não havia prova concreta de que ele era o piloto do pequeno aparelho particular que havia deixado o aeroclube de Natal na madrugada do dia 6 de dezembro. Primeiro porque o nome registrado na ficha de voo não era o dele. Segundo porque o encarregado de registrar o voo disse apenas que o piloto que alugara o avião lembrava muito o nosso herói. Vejam: disse que lembrava muito e não que tinha certeza de que era ele. Terceiro porque os possíveis destroços do aparelho até hoje não foram encontrados. E quarto porque recentemente uma jovem funcionária de uma farmácia da cidade de Cuenca, na Espanha, declarou ter-lhe aplicado uma injeção de vitamina C. Mas suponhamos que a jovem tenha se enganado ou mesmo mentido para sair no jornal. Assim, persiste: a não identificação do cadáver e a vaga informação dada pelo funcionário do aeroclube de Natal. Isso sem falar no fato de que sua quinta mulher, Mariane, mesmo sabendo que seria a única herdeira de sua fabulosa fortuna, haver se recusado a aceitar a herança e declarado: “Ele não morreu. Tenho certeza de que ainda está vivo. Essa fortuna não me pertence”. É sem dúvida uma declaração muito estranha. Desapego total ao dinheiro, ao poder? Um

amor quase fanático pelo nosso herói? Ninguém sabe. Só ela. Mas sem dúvida é um indício muito válido contra a ideia de que tenha realmente morrido. Mariane é uma bela mulher. Jovem de uns trinta anos, elegante, culta e uma das mulheres mais sensíveis que já conheci. Parece que ela sente as nossas sensações com mais intensidade que nós mesmos e, sei lá, temos a impressão de que se transforma em um lugar macio e confortável e acolhedor e muito gostoso onde na mesma hora temos vontade de entrar e ficar sempre por ali como quando com sede e calor e cansaço chegamos sob um sol de matar a uma fonte fresquinha de água brotando entre pedras cobertas de musgo e embaixo de uma árvore de copa generosa refrescando nosso corpo. Conheci Mariane faz uns três meses. Entrou em contato comigo por telefone, pediu-me que fosse visitá-la na bela casa de Cannes onde estava passando o verão. E depois de um delicioso almoço no terraço cheio de flores, as hortências abundantes, azaleias de cores estridentes sob a luz mediterrânea e gerânios em grandes vasos de barro sobre a mureta que destacavam o azul do mar lá embaixo confundindo-os com o céu em cor e limpeza de luz.

- Almoço delicioso... Comi divinamente...

- Não parece ter comido muito... Parecia mais interessado na paisagem, nas flores...

- É que não sou o que se pode chamar de um bom garfo. Não sei se por falta de apetite ou por falta de hábito...

Novamente ela sorri e fico todo arrepiado de tanta felicidade. Tudo isso, tanta beleza, graça, sensibilidade, meu Deus, se isso não bastasse, ainda tem o sorriso mais maravilhoso de toda a História da Civilização...

- Mas eu sou faminto em dois outros sentidos: tenho uma fome crônica de dinheiro, talvez porque não tenha nenhuma competência para ganhá-lo. E também uma imensa fome por segredos.

- Ótimo. Minha pergunta era se você aceita o trabalho...

- Mas claro. Quando me telefonou e disse mais ou menos o que queria, eu já tinha aceitado e com o maior entusiasmo. Tentei fazer um

certo charme, tentei me fazer de difícil porque é assim que vivem me ensinado pela vida afora, garantindo que é a única maneira segura de autovalorização. Mas tenho certeza de que também dessa vez me saí mal e devo ter mostrado fome no tom de minha voz.

- Ótimo! Então, quando quer começar?

- Agora.

- Muito bem. Então vamos à biblioteca que é onde estão guardados os papéis, fotos, tudo que possa constituir o material com o qual irá trabalhar. Vamos?

Fomos. A casa toda parecia cheia de sol, as paredes brancas caladas, grandes janelas e portas muito largas dando para os jardins muito bem tratados, destacando-se a piscina no meio de uma folhagem densa como se fosse uma pequena lagoa azul. Atravessamos uma imensa sala de estar, passamos por uma sala de jogos e então havia um corredor largo, tipo galeria, onde nas paredes dos dois lados vi uma dezena de quadros de impressionistas franceses. No fim desse corredor, Mariane abriu uma porta e entramos na biblioteca.

Claro que levei o maior susto ao entrar. Simplesmente porque lá estava tranquilamente sentado numa poltrona, lendo e fumando nada menos que o nosso herói. Que levantou-se logo, sorridente e se aproximou para ser apresentado a mim.

- Que tal, estou vivo ou estou morto? Vamos, não fique aí sem voz. Responda!

- Bem, salvo engano, acho que está bem vivo. Pelo menos é com uma pessoa viva que estou conversando.

- Mas ainda está em dúvida se eu sou o grande herói famoso em todo o mundo ou se sou uma outra pessoa fazendo-se passar por ele, não é?

- Me desculpe, mas é que só o conheço de fotografias e...

- Pois então, comece logo com seu trabalho... Mas desculpe, estou sendo muito grosseiro. Vamos sentar. Toma alguma coisa?

- Não, obrigado, acabo de beber um vinho delicioso no almoço e...



- Está bem. Então fique à vontade para que nossa conversa seja informal e sem constrangimento de nenhuma das partes, certo?

- Olhe, para ser franco, sou dos poucos que nunca creditaram que o senhor havia mesmo morrido naquele desastre de avião na floresta amazônica.

- Por quê?

Então lhe dei os argumentos que me faziam pensar assim e ele:

- É, de fato. Concordo. Mas também terá que concordar que não tem nenhuma prova irrefutável de que eu esteja vivo. Para que uma pessoa seja declarada morta, precisa-se que o cadáver seja devidamente identificado, certo? Mas também, para que esteja viva, precisa-se do corpo vivo dessa pessoa, não é?

- Sim.

- E parece que está em dúvida se eu e o herói famoso somos a mesma pessoa. Como ficamos?

- Bem, basta que o senhor seja devidamente identificado. Impressões digitais, a tal da arcada dentária, exame de DNA, coisas assim.

E aí então, depois de devidamente identificado, classificado, minhas medidas coincidirem com as medidas dos documentos, os números a que forem reduzidas minhas dimensões no espaço e no tempo, esses números, essas abstrações se forem iguais aos símbolos que estiverem gravados num papel, aí então eu serei realmente eu. Ou seja, eu serei aquilo que a sociedade e eu mesmo no passado decidimos que deveria ser a minha realidade, certo?

- Bem, é assim o costume, não é?

- Veja. Estamos sempre querendo nos ter. Ter a nós mesmos como se pensa ter uma joia eterna. E assim, fazemos uma porção de coisas, sonhamos uma porção de sonhos. Cada um sabe sem saber que sua meta é ele mesmo, mas um ele mesmo maior, melhor e eterno. Ou não é assim que sentimos?

- Bem, de filosofia eu não entendo muito...

- Filosofia? Mas que preconceito é esse, meu caro? Até quando, santo deus, o conhecimento, o estudo, o olhar-se para si mesmo e para o sentido da vida terá que ser coisa de filósofo? Todos nós, sem exceção, todos que já vivemos ou venhamos a viver, todos, todos não fazemos outra coisa na vida senão procurarmos a nós mesmos em todas as coisas e ações que fazemos. E sabe como é que essa procura de nossa verdadeira realidade se apresenta?

- Pensando, meditando, estudando as verdades descobertas pelos filósofos, pelos cientistas, pelos místicos?

- Que nada. Procuramos a nós mesmos o tempo todo, do mais culto e sensível e talentoso ao mais ignorante, bloqueado e estúpido, simplesmente sonhando ou tentando achar o prazer, a felicidade nos atos da vida.

- Desculpe, mas não estou entendendo.

- Não está querendo entender. Não está querendo largar os conceitos que estão arrumadinhos e seguros na sua cabeça. Deixe a cabeça vazia e ouça em liberdade. Ouça: sabe por que o amor teve, tem e terá sempre tanto prestígio? Simplesmente porque amor é sinônimo de unidade. E unidade quer dizer o encontro verdadeiro, a fusão de duas metades. É isso mesmo, é tudo tão simples assim: tudo o que fazemos com ações ou com sonhos nada mais é do que movimentos, do que anseios na direção da nossa outra metade. Só isso. Quem encontra sua outra metade, encontra-se a si mesmo.

- E que é essa outra metade? Uma mulher para um homem? Um homem para uma mulher?

- Ou um brinquedo para uma criança. Uma descoberta para um cientista. A criação para um artista. O pico de uma montanha para o alpinista. O supremo de exatidão no movimento de um esportista. Daí as expressões comuns do tipo: só agora me sinto realizado. Ou: finalmente encontrei a mim mesmo. É nas coisas e nos atos e nas outras pessoas que iremos nos encontrar a nós mesmos. Grosseiramente falando, a nossa outra metade está fora de nós. Mas só conseguimos encontrá-la quando desaparece o dualismo entre sujeito e

objeto. Ou seja: quando nos integramos com um ato, com uma pessoa, com uma maneira de viver, etc., de tal jeito que não mais precisamos nos preocupar com nós mesmos.

- É, parece bonito e muito verdadeiro. Mas tenho uma pequena dúvida. Posso falar?

- Por favor. Mas tem certeza que quer continuar conversando? Talvez esse tipo de assunto não o divirta muito...

- Pelo contrário. Mas acho que um pequeno detalhe torna sua filosofia um tanto contraditória. Já conheci muitos famosos campeões, sou amigo íntimo daquele que todos consideram o maior cineasta deste século, já conheci alguns grandes estadistas, isto sem falar de homens e mulheres, e casais ultra-apaixonados e que viviam um para o outro. E, olhe, até hoje não encontrei nenhum que eu pudesse chamar de realizado, de alguém que tivesse se encontrado realmente, etc.

- Concordo. Mas pensei que o que eu tinha dito desse a entender o alcance maior do que pretendia. Quando falei no encontro consigo mesmo, quis dizer que embora só possa existir quando nos encontramos totalmente com o mundo chamado objetivo mas que na realidade só acontece dentro de nós.

- Perdão, mas não alcancei o ponto...

- Veja: quando um homem se encontra, se integra realmente com uma mulher, ele deixa de se fixar em si mesmo e deixa também de se fixar na mulher. E isto apenas acontece quando não há mais dentro de nós uma consciência de nós mesmos, e uma consciência da mulher, do eu da mulher, de sua realidade como um ser isolado e individual. Quando um alpinista, após longos anos de luta, chega ao cume da montanha, naquele momento maravilhoso, desaparece de sua cabeça a ideia de si mesmo e a ideia da montanha e fica somente uma sensação de...

- Aceito, mas e depois, no dia seguinte, quando já passou essa tal sensação? Quando a memória, os medos, as alterações que o dia a

dia, as emoções e as contradições internas criam em nós, então o que acontece?

- Muito simples. Voltamos a ser o que éramos. Ou seja, voltamos a ser uma metade de nós mesmo a procura de nossa outra metade.

- Então...

- Exatamente. Essa é a famosa condição...

- Humana?

- Não, eu não diria isso. É uma condição, sem dúvida, da quase totalidade dos humanos. Mas não é das crianças, dos primeiros anos de vida.

- Mas esses são exceções. As crianças ainda não viraram seres maduros, desenvolvidos, completos, estão ainda no estágio de formação, um produto ainda inacabado, dependente dos adultos, etc.

- Isto não creio que se resolva com discussões puramente racionais e lógicas. Mas de uma coisa pode ficar certo: a criança não se preocupa em encontrar sua outra metade, encontrar-se a si mesma. Já são inteiros. Dentro de si estão ligados o chamado mundo relativo e o chamado mundo absoluto. O finito e o infinito. O permanente e o impermanente. São seres que fluem com o todo. E dentro deles não há dualismo entre sujeito e objeto. Quando sadias, é claro.

- Agora, me desculpe, mas sou um homem bastante prático e por isso tenho alguma dificuldade em me interessar por abstrações metafísicas. Assim, gostaria de saber se o senhor se considera um homem realizado.

- Esta pergunta é dirigida ao famoso herói que estava sempre nas primeiras páginas dos jornais ou a esta pessoa que no momento fala com você?

- Não, por favor, não vamos recomeçar. O senhor e eu sabemos muito bem que se trata da mesma pessoa...

- Sim e não.

- Sim ou não?

- O famoso herói que você conhece, o homem famoso que veio conhecer pessoalmente, já não existe mais. Morreu num desastre de avião na floresta amazônica. Morreu de uma morte semelhante à de uma lagarta que a certa altura de sua vida caminha até um local seguro de ventos e de outros animais, um galho de árvore bem protegido entre folhas, uma gruta de pedras ou sob uma telha, no forro de uma casa abandonada, lugares onde possa colar uma de suas extremidades enquanto aguarda pacientemente o processo da metamorfose. Após alguns dias, desprende-se da lagarta um líquido escuro e durante um mês e tanto tomando a forma seca de um objeto inanimado semelhante a um amendoim com casca, continua vivendo seu processo de transformação. Tudo muito lentamente, sem pressa, quase fora do tempo e num momento maravilhoso temos uma colorida borboleta batendo asas, aonde antes era uma lagarta, depois uma casca rugosa lembrando um amendoim. Foi isso que aconteceu comigo. Percebeu?

- Seria possível explicar um pouco mais claro?

- Pois não. Tudo o que você sabe sobre mim é do meu tempo de lagarta. Todas aquelas descobertas que ficaram famosas: o transplante de cérebro, a vacina contra o câncer, e também aquelas proezas de coragem física como ter sido o maior toureiro da década, duas vezes campeão mundial de automobilismo e também ter sido o autor daquilo que ficou conhecido como sendo o projeto urbanístico que salvou do caos iminente as maiores cidades do mundo, etc. Tudo do meu tempo de lagarta. Tudo do tempo em que eu era apenas a metade de mim mesmo procurando a outra metade. Depois do desastre de avião na floresta amazônica, que para todo mundo foi um mistério, mas que para mim foi muito real porque não há mistério em ficar um ano perdido na selva, reinventando, criando a partir do nada as técnicas de sobrevivência. Sobrevivi sozinho e iniciei espontaneamente a partir daí a minha fase de, vamos dizer, de vida seca, de casca de amendoim pendurado, escondido, sem seiva, distante de tudo e de todos, praticamente fora do tempo e do espaço e cada vez mais distante de mim mesmo, do mim mesmo que eu conhecia pela autoconsciência.

Foi o período mais terrível de minha vida. Sem dúvida mil vezes mais trágico e sofrido que o um ano de fome, de frio, de medo, de desespero que passei na floresta lutando contra a morte todos os dias. Mas veja: embora eu esteja contando as coisas como se estivessem programadas, arrumadinhas em fases, em períodos organizados de uma vida, na realidade não foi nada assim. Eu só sabia do que estava acontecendo. Não via futuro possível para mim. E meu passado ia ficando cada vez mais esfumaçado e sem sentido, sem realidade que pudesse ser usada no presente. E aí, de repente, num susto para mim, que já não conseguia mais saber se estava vivo ou morto, louco ou lúcido, de repente começo a perceber as pontas da asa surgindo em mim. E para encurtar a história, num belo dia azul de sol de primavera, bati asas e voei para cá voltando a viver a vida de todo mundo, como todo mundo, como você está vendo. Assim, se você quiser escrever a biografia de uma lagarta, vá aos arquivos dos jornais, procure pessoas que me conheceram ou que participaram comigo de minhas procuras de quando eu era lagarta. Da fase em que estava parado, imóvel e em silêncio colado, pendurado calado e seco como casca de amendoim num lugar distante de tudo e de todos, dessa fase não creio que possa escrever alguma coisa legível para os chamados leitores. É tudo silêncio, um silêncio profundo que ninguém consegue escutar. Resta então esta terceira fase. Mas não me consta que você seja um biógrafo de borboletas. Para escrever sobre borboletas é preciso conhecê-las profundamente. Mas não por fora. É preciso conhecê-las por dentro, ou melhor, em sua totalidade. E me desculpe, mas tenho a impressão de que somente uma outra borboleta poderá saber realmente o que é ser borboleta. Não sei se está me entendendo?

Aí, Mariane, que tinha ficado o tempo todo de nossa conversa em silêncio só dando algum sorriso muito suave de vez em quando, aí Mariane achou que estava na hora de me explicar de maneira mais terra a terra o porquê de ter me chamado para fazer a biografia do marido.

- Bom, posso interromper um pouco?... Acho que você não deve estar entendendo muito bem por que foi convidado para...

- Excluindo a ideia não muito engraçada de brincar comigo, realmente não vejo por que me convidou.

- Desculpe, mas é muito simples, talvez por amar meu marido, achei que o que ele é atualmente é sem dúvida o momento mais alto que atingiu. Hoje, ele é realmente o maior homem do mundo e de todos os tempos. Pelo menos é assim que o vejo. Mas insisto que meu amor por ele pode estar por trás desse julgamento. E como eu gostaria que o mundo todo soubesse e partilhasse dessa experiência tão fabulosa de vida, deixando feliz todo mundo a seu lado e sem precisar de grandes gestos, de feitos espetaculares, não, apenas sorrindo e vivendo e transmitindo vida, etc., sabe, não dá para dizer, é isso aí que você está vendo... Ele me parece uma pessoa a quem não se pode acrescentar mais nada e de quem nada precisa ser tirado, entende? Não, acho que não está entendendo. Mas é o seguinte: eu pensei que chamando aqui você que é o melhor e mais competente biógrafo vivo, você seria capaz de contar ao mundo sobre esse homem fabuloso que aí está. Bom, devo dizer que quando contei minha ideia a ele, o que fez foi sorrir e tentar me convencer de que o que eu pretendia não era possível. Mas eu não me convenci e...

- Agora compreendo. Não precisa falar mais. De fato seu marido está certo. Este é um trabalho superior à minha especialidade. Sou um biógrafo dos fatos, dos feitos, e até dos sentimentos de um grande homem. Mas, segundo pude perceber, salvo engano, estou diante de um homem que poderíamos chamar de um homem de mente vazia. Não sei se a classificação é boa. Mas realmente não há nada que se possa escrever sobre alguém que está fora do mundo dos conceitos, do mundo do certo e do errado, do positivo e do negativo, do sucesso e do insucesso, etc. Me parece ser um mundo totalmente particular onde ninguém poderá penetrar...

- Um momento. Em primeiro lugar, somente mesmo com muito amor e isso é lindo, alguém pode ver em mim as coisas que Mariane

disse ver. Sou o que sou, nada mais, nada menos. Nem um grande homem, nem um pequeno homem. Sou isto que aqui está. E só posso ser o que sou porque vocês também são o que são e o mar é o que é e a nuvem é o que é e a chuva e a lua e as árvores, as montanhas, eu sou eu e sou essas coisas ao mesmo tempo e não sou eu nem essas coisas, etc. E quanto ao que você acaba de dizer me chamando de, vamos dizer, de um cofre onde se esconde um grande e insondável mistério que ninguém jamais poderá decifrar, um segredo impenetrável, não, não sou isso, mas admito que possa dar essa impressão involuntariamente. Veja: porque olhando de fora não se consegue ver nada, não quer isso dizer que dentro exista um mistério. Talvez a culpa seja da vista e não do objeto olhado, não é? Lagarta é uma realidade nem menos e nem mais importante que os demais fenômenos do universo. A fase intermediária, a fase, vamos dizer, de gestação da metamorfose, também é uma realidade que é o que é no tempo e no espaço. E borboleta é igualmente apenas e simplesmente borboleta. Não é melhor, nem pior, nem inferior nem superior à lagarta. Seu nível de consciência e de relação é que lhe dá forma de vida. A borboleta é ela e ao mesmo tempo todas as coisas que existem. E assim são todas as coisas e pessoas. Todos somos nós mesmos e o todo. Mas quase nenhum de nós sente, percebe, vive esse tipo de realidade. Não sei se ficou claro?

Então eu voltei para casa sem o trabalho da tal biografia e tão sem dinheiro como antes. Mas conheci a mulher mais bela e adorável do mundo! Só que para ser amado por ela não basta eu me tornar um gênio milionário. É necessário muito mais que isso: preciso me transformar numa borboleta...